

0929318-7  
1997

**12.45**  
SUPERFÍCIES ESTRIADAS POR GELEIRAS E POR GELO FLUTUANTE (NEOPALEOZÓICO) NO NORDESTE DO BRASIL<sup>1</sup>: P.E.S.Sato<sup>2</sup>, A.C.Rocha-Campos, F.E.Cruz<sup>3</sup>, M.M.Saito<sup>4</sup>, J.R.Canuto (orientador). Departamento de Paleontologia e Estratigrafia – IG/USP.

Superfícies estriadas de idade paleozóica superior formadas sobre o substrato ou intraformacionalmente em arenitos são descritas respectivamente na Bacia Sergipe-Alagoas e no graben de Santa Brígida (Sergipe e Bahia), no nordeste do Brasil, e sua provável origem é discutida. Próximo a Igreja Nova (Alagoas), reexaminou-se uma superfície tenuemente estriada, formada em gnaisses pré-cambrianos do domo de Igreja Nova (Rocha-Campos e Brito Neves, 1974; Rocha-Campos, 1981, sobreposta por diamictito com clastos dispersos caoticamente, alguns estriados, e folhelhos e ritmitos de silte e argila com clastos caídos, da Formação Batinga. A orientação das estrias é N118°. O conjunto de feições e depósitos associados sugere que a superfície estriada foi formada por abrasão subglacial. Na segunda localidade examinada, próximo a Curitiba (Sergipe), múltiplas superfícies estriadas e sulcadas ocorrem sobre planos de acamamento de um afloramento inclinado, composto de arenito duro da Formação Curitiba. Estratificações cruzadas bidirecionais, de tamanho médio, acanaladas no arenito sugerem influência de marés. As estrias podem ser cobertas por massas escorregadas lateralmente de areia, que localmente apresentam também seus topos estriados. A orientação média das estrias e dos sulcos é N122. O sentido do movimento do gelo nas duas localidades é difícil de se estabelecer, mas foi provavelmente no rumo NW.

<sup>1</sup>Projeto financiado pela FAPESP; <sup>2</sup>Bolsista PIBIC/CNPq; <sup>3</sup>Petrobrás; <sup>4</sup>Aluna de graduação – IG/USP.

0929328-7  
1997

**12.46**  
O ARENITO LAPA, SUBGRUPO ITARARÉ (NEOPALEOZÓICO), BACIA DO PARANÁ, BRASIL: UM POSSÍVEL DEPÓSITO DE VALE-TÚNEL?<sup>1</sup>: P.E.S.Sato<sup>2</sup>, D.Zorzato<sup>3</sup>, A.C.Rocha-Campos, P.R.Santos, J.R.Canuto (orientador). Departamento de Paleontologia e Estratigrafia – IG/USP.

O Arenito Lapa forma uma crista linear, quase contínua, pouco sinuosa, que se estende por cerca de 180 km, de direção geral NNW-SSE; ocorre desde a sul de Rio Negrinho (SC) até ao norte de Palmeira (PR), com largura máxima de 2 km, se eleva até 80 m acima da topografia encaixante, e seu contato basal é erosivo, sobre rochas mais antigas do Subgrupo Itararé (Canuto et al., 1997). As principais associações de facies são: intercalação de arenitos finos a médios fluvio-deltaicos e marinhos, retrabalhados; conglomerados; diamictitos de fluxo; e arenitos fluidificados e turbiditos. O conjunto recobre erosivamente conglomerados, arenitos e diamictitos intercalados dobrados e falhados (eskers). O Arenito Lapa, em sua parte norte, é desmembrado em cristas menores, sobre o Arenito Vila Velha, sendo geneticamente relacionados (Canuto et al., 1997), e forma uma drenagem subglacial ou um vale-túnel, pela erosão por água confinada de degelo. Os detritos erodidos foram carregados e depositados num extenso leque/delta (Arenito Vila Velha), em frente à margem marinha do lobo. O recuo do gelo e a subida do nível do mar, expuseram a topografia cortada sob o gelo, seu preenchimento, e o retrabalhamento dos sedimentos. Uma transgressão pós-glacial rumo ao sul depositou, no vale, lama marinha sobre o Arenito Lapa. Seguiu-se recorrência continental fluvial sobre o ambiente marinho.

<sup>1</sup>Projeto financiado pela FAPESP; <sup>2</sup>Bolsista PIBIC/CNPq.

Simpósio de Iniciação Científica de  
USP, S, 1997, São Paulo. v.2.